

A capital do Algarve

Todas as cidades têm uma alma, guardadora das vivências dos seus habitantes, em especial quando nas suas ruas se entre cruzaram culturas diversas ao longo dos séculos.

É assim Faro, e este roteiro leva-nos à descoberta de percursos urbanos onde se inscreveram, durante cerca de oito séculos, cheiros e sentires, tradições e gostos, na cidade rodeada pelos esteiros da Ria Formosa, que se estende pela campina, é banhada pelo mar e se localiza no centro geográfico do Algarve.

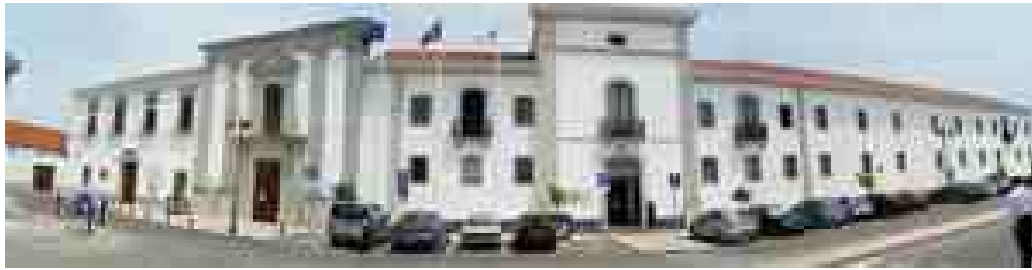


Foi Abd al Aziz que a conquistou no 713 ou 714 e a sua localização privilegiada fez dela a primeira capital do Gharb Al-Andalus, título que depois haveria de perder para Silves.

Não ficaram muitos monumentos do período islâmico, talvez por culpa da Natureza em fúria de que o terramoto de 1755 é o exemplo paradigmático. Mas já antes outras catástrofes vitimaram a cidade, como o incêndio que se sucedeu à invasão inglesa em 1596 que trouxe a fome e a peste.



A feira, que até hoje se realiza em Outubro é uma prova de como as tradições entranham a vivência da cidade e surgiu como uma “alavanca” para a reconstrução do burgo, ao incrementar as transacções comerciais e atraindo produtos agrícolas de que a população estava tão carenciada.



O amplo Largo de São Francisco, onde anualmente se ergue a feira, está ladeado pelo Convento de São Francisco construído pelos frades Capuchos da Província da Piedade, em 1529. Sofreu profundas alterações após o terramoto de 1755, tendo-se efectuado a sua reconstrução nos finais do século XVIII e nos princípios do século XIX.

Merece referência o claustro pela sua qualidade arquitectónica e composição invulgar.

Com o Liberalismo foi ocupado pelo Regimento de Infantaria e sucessivamente adaptado às funções militares. Adquirido pela Escola de Hotelaria e Turismo de Faro, a sua recuperação foi realizada pelo arquitecto Carrilho da Graça e ali funciona um hotel – escola.

Em frente ficam pelas muralhas islâmicas que envolvem o mais antigo núcleo urbano, conhecido por Vila-Adentro, remontam ao século IX e devem-se à iniciativa

de Ben Bekr, príncipe muçulmano de um pequeno reino local que se tornou independente do emirato de Córdova.

Após a invasão almohada, no séc. XII, construíram-se duas torres albarrãs diante de uma das entradas principais, actualmente conhecida por Arco do Repouso. Em 1596, as tropas inglesas do Conde de Essex saquearam e incendiaram a cidade, tendo danificado bastante as muralhas. As obras de restauro começaram de imediato, prolongando-se durante décadas. A cava que envolvia



as muralhas não banhadas pelo canal, encontrava-se entupida em 1633 e foi necessário limpá-la de maneira a recolher a água do mar.

Depois da Restauração de 1640, como prevenção contra uma eventual invasão espanhola, houve que derrubar as ameias de algumas torres, para que se iguallassem em altura com os muros das cortinas, ficando, assim, preparadas para receber as bocas-de-fogo. Em 1664, as obras estavam praticamente concluídas. O terramoto de 1755 danificou grande parte das muralhas, incluindo torres e baluartes e, nos finais do século XVIII, perdem importância como reduto militar. Com efeito, os avanços técnico-militares tornam-nos alvo fácil de artilharia instalada em Santo António do Alto.



A Alcáçova (Castelo) - hoje a ex-Fábrica da Cerveja - era o centro político da cidade e foi edificada provavelmente nos finais do século IX por Ibne Bacre. Integrado nas muralhas, o castelo constituía o último reduto da fortificação. Tinha três portas, duas com ligação para o mar: a Porta do Mar e a Porta do Socorro e a terceira para a Vila-Adentro.

Dos sucessivos restauros, destaca-se o que foi realizado a seguir a 1596, em que sofreu profundas alterações, pois foi adaptado à artilharia. Inclusivamente foi-lhe anexado um revelim.

A construção da Fábrica da Companhia Produtora de Malte e Cerveja Portuguesa, por volta de 1931, adulterou profundamente os torreões e os panos de muralha de ligação à Vila-Adentro. Em simultâneo foi feito um grande rasgo nas muralhas, tendo-se aberto a Rua do Castelo.

No local onde agora se ergue a Sé catedral, outrora existiu uma Mesquita. A Igreja Matriz de Santa Maria foi mandada construir após a Reconquista cristã, em 1251, pelo Arcebispo de Braga, D. João Viegas e foi entregue à Ordem Militar de São Tiago, que promoveu diversas campanhas de obras, sendo as duas capelas góticas e o primeiro piso da torre fronteira à fachada principal vestígios do século XV.

Em 1577 tomou-se sede do assento episcopal, tendo o Bispo e o Cabido vindo de Silves. As tropas inglesas do Conde de Essex saquearam e incendiaram a cidade, em 1596, arruinando gravemente este templo.

Reconstruíram-se as colunas e os respectivos arcos de acordo com o formulário da arquitectura chã, mantendo-se no entanto diversas capelas, que foram remodeladas nos séculos XVII e XVIII. Os terramotos de 1722 e 1755 motivaram igualmente algumas



importantes campanhas de obras. No interior da Sé de Faro pode ser apreciado um dos melhores conjuntos de talha e imaginária algarvia.



Na mesma praça ficam, tanto os Paços do Conselho como o seminário e o Paço Episcopal cuja construção inicial deve datar de 1581-85, anos correspondentes ao bispado de D. Afonso de Castelo Branco, primeiro prelado a residir nesta cidade após a transferência do assento episcopal de Silves para Faro.

Deve-se a D. Frei Lourenço de Santa Maria (1752-82) o revestimento azulejar do vestíbulo, da escadaria e ainda das três salas de aparato, que constituem a maior e mais significativa manifestação da azulejaria, «Rocaille» no Algarve.

Merece também referência o núcleo de pintura, onde, para além dos retratos dos prelados que aqui residiram, avultam as obras de Marcello Leopardi.

As suas instalações têm visita condicionada, pois continua a ser residência episcopal.



Outra das entradas do centro histórico é a Porta Árabe da Vila - com arco de ferradura - o maior existente no Algarve de construção emiral/califal (séc. IX-XI). Este arco, reaberto em 1992, está no interior do chamado Arco da Vila, um portal monumental que o Bispo D. Francisco Gomes do Avelar mandou o arquitecto genovês Francisco Xavier Fabri, por si trazido de Itália construir e em cujo nicho figura uma imagem italiana, em mármore, de S. Tomás de Aquino.

Ainda no centro histórico, o Museu Arqueológico Infante D. Henrique possui várias lápides epigráficas e materiais islâmicos provenientes das escavações que decorreram no centro histórico.



O museu fica num antigo convento, com um belo claustro, e vale a pena visitar o seu espólio, mas também as exposições temporárias de diversos estilos e artes. A influência islâmica motivou ao longo dos tempos edificações em que essa herança transparecia.



A sede do Banco de Portugal, localizada no Jardim Manuel Bivar é de construção neo-árabe do século XX. De igual influência é o antigo matadouro municipal, no Jardim da Alameda, que sofreu uma profunda remodelação a par da



construção da biblioteca municipal António Ramos Rosa. E até o Forum Algarve, uma estrutura comercial recente, apresenta influências islamizantes.

A Vila Adentro conserva as suas ruas tão semelhantes a uma Medina gratificante surpresa sair do do Mar e desembocar na Ria cidade sempre viveu face a chegaram sucessivos povos - Celtas, Cartagineses, Romanos, Árabes, Normandos...



Uns fixaram-se e aqui viveram, evolução ou crise na decorrência normal do quotidiano; outros limitaram-se a pilhar e a saquear. A todos a ria oferecia com abundância as suas riquezas - o marisco, o peixe, o sal e o seu encanto...

ruelas estreitas e tortuosas, e traduz-se numa centro histórico pelas Portas Formosa, com a qual a face. Pelas suas águas Tartessos, Fenícios, Gregos, Visigodos, Bizantinos,

passando por ciclos de

"Então a ria de Faro, quando está espelhada e serena como um lago dormente, é um deslumbramento vista ao clarão desses ocasos gloriosos, jorrando uma luz offuscante que se estampa na paisagem



e no espelho das águas em matizes da mais caprichosa phantasia, em tonalidades polychronicas n'um predomínio do ouro ardente, até que o horisonte se inflamma n 'um intenso rubor sanguíneo, transfigurando magicamente a vasta lagôa, como se as suas águas crystallinas, luminosas, se tingissem de viva purpura, ao mesmo tempo que, no mais intenso da cyclopica labareda, os barcos vogando ou estanciados na esbrazeada superfície, salamandras enormes vivendo no fogo, assumem um aspecto phantastico envoltos n'aquelle incendio limpido e inoffensivo, como disse o escritor Júlio Lourenço Castilho, na sua obra O Algarve, editada no Porto em 1894. Pouco mais se pode acrescentar, a não ser deixar um convite para um percurso por Faro e pelos seus atractivos.

Ficha Técnica

Edição:

Globalgarve, Cooperação e Desenvolvimento, S.A.

R. Dr. José de Matos, nº 56, 8000-502 Faro

Tel.: 289807768 / Fax.: 289807790

E-mail: globalgarve@mail.telepac.pt

Conteúdos:

CNA – Central de Notícias do Algarve

Av. 5 de Outubro, nº 55, 2º Esq., 8000-075 Faro

Tel.: 289895480 / Fax.: 289895489

E-mail: cna_faro@sapo.pt

www.cnalgarve.com

© Todos os direitos reservados.